

## **(Des)(Re)Territorializações: em busca de identidade em *Sem gentileza*, de Futhi Ntshingila**

*(De)(Re)Territorializations: in search of identity in Do not go gentle, by Futhi Ntshingila*

**Janice Inês Nodari\***

### **Resumo**

Neste trabalho, apresento o processo de construção da identidade de Mvelo, personagem principal do romance *Sem gentileza* (2016) da escritora sul-africana Futhi Ntshingila. Para tanto, recorro a conceitos distintos de espaço e lugar (TUAN, 2012), deslocamento, desvio, (des)(re)territorialização, mobilidade linguística e movimento (in BERND, 2010), e defendo a premissa, que encontra suporte nos estudos pós-coloniais (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2003), que a identidade da personagem está relacionada ao deslocamento e à realocação (GONZÁLEZ, 2010), muito mais do que ao sentimento de pertencimento a um determinado espaço. A identidade de Mvelo é também construída linguisticamente, em um contexto sofrido de uma favela sul-africana, onde gentileza não tem vez, e a sobrevivência é a única lei.

### **Palavras-chave**

Espaço e lugar. Identidade. Deslocamentos. (Des)(re)territorialização.

### **Abstract**

In this paper, I present the process of construction of identity of Mvelo, the main character in the novel *Do not go gentle* (2016) by the South-African writer Futhi Ntshingila. For this purpose, I resort to distinct concepts of space and place (TUAN, 2012), displacement, detour, (de)(re)territorialization, linguistic mobility and movement (in BERND, 2010), and defend the assumption, which finds support in post-colonial studies (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2003), that the character's identity is related to her displacement and relocation (GONZÁLEZ, 2010) rather than to her feeling of belonging to a given space. Mvelo's identity is also linguistically constructed, in a miserable South-African slum, where gentleness does not prevail, and surviving is the only law.

### **Keywords**

Space and place. Identities. Displacements. (De)(re)territorializations.

---

\* Universidade Federal do Paraná (UFPR).

## Introdução

Um dos temas recorrentes em produções literárias de língua inglesa de expressão africana tem sido a busca por um lugar ao qual pertencer. Essa busca, que encontra paralelos em obras de diferentes nacionalidades, se configura como necessária para o processo de construção da identidade de indivíduos, sejam eles homens ou mulheres, ficcionais, representativos ou figuras reais, e é altamente significativa, principalmente em contextos de crítica literária e estudos pós-coloniais (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2003). Ademais, esse lugar que se busca extrapola definições geográficas como nação, estado, etnia. Muitas vezes, é a materialização da necessidade de pertencer a uma família, a um grupo. A busca começa, ainda que de forma não intencional, no entorno do indivíduo e é ressignificada para poder ser ampliada. E, por mais que tal busca seja contextualizada, ela não se restringe a um período específico; extrapola uma possível barreira temporal além de extrapolar uma limitação de atuação do indivíduo.

O romance *Sem gentileza* (2016) da escritora sul-africana Futhi Ntshingila apresenta a oportunidade de acompanhar a trajetória da personagem principal, Mvelo, enquanto essa se descobre como filha, mãe e sujeito ativo de suas escolhas. Para entender o processo que a personagem sofre na busca por um lugar ao qual pertencer, recorro à apresentação da distinção entre os conceitos de espaço e lugar (TUAN, 2012), e os coloco em conversa com as noções de deslocamento, desvio, (des)(re)territorialização, mobilidade linguística e movimento (in BERND, 2010). O objetivo maior é apresentar como se dá a construção de sua identidade de sujeito fragmentada (HALL, 2006), estando essa identidade “necessariamente relacionada ao deslocamento e à realocização, por isso não é única, mas plural e multifacetada” (GONZÁLEZ, 2010, p. 111), e sendo construída linguisticamente, espacial e temporalmente, em um contexto sofrido de uma favela sul-africana.

De forma a explicitar esse processo, e entendendo que conceitos teóricos iluminam compreensões possíveis da obra, recorro a diferentes contribuições da geografia humanística, de teorias culturais, da teoria da literatura e da crítica literária, em um processo também multifacetado. Essas contribuições teóricas serão apresentadas e entrelaçadas com situações e trechos da obra, seguindo, para fins didáticos, a cronologia das páginas do romance, objetivando mostrar que a construção da personagem se beneficia do fato de não ser plana, fechada, mas múltipla e complexa. Tal procedimento não apaga aspectos anteriormente

identificados, mas temporariamente os esconde, para na sequência revelá-los novamente sob outra perspectiva, em um movimento de construção, reconstrução e mudança constantes. A maioria das contribuições para a análise que proponho provém do *Dicionário das mobilidades culturais*, organizado por Zilá Bernd (2010), pois considero que os subsídios compilados nesse livro são pertinentes para entendermos o romance, mesmo sabendo que aquela publicação objetiva analisar percursos americanos mais especificamente. Ainda, entendo que *Sem gentileza* (2016) é obra de representação de um contexto maior, e que outros elementos podem ser foco de análise, para além do espaço e das personagens. Delimitar aspectos, no entanto, pode apurar a leitura feita.

### **Espaço, lugar – (des)(re)territorializações iniciais**

O contexto do romance *Sem gentileza* (2016) é representativo de um momento pós-colonial, onde o subalterno fala (SPIVAK, 2010) mesmo que tenha que, temporariamente, vestir máscaras (FANON, 2008) para ter voz. Personagens vão e vêm em um espaço relativamente limitado, e transmitem também linguisticamente o que representa, nesse microcosmo, a complexidade de um contexto maior.

O espaço não adquire caráter prioritário ao longo do romance, pois está diluído na narrativa, em harmonia com as ações dos personagens. Desse modo, é tratado a partir de uma perspectiva simbólica, pois na obra literária ele não é mero elemento estruturante, mas viabiliza o estabelecimento de relações de poder entre personagens subalternos e soberanos (cf. acepções propostas para os termos em SPIVAK, 2010). Tais relações não são destituídas de significados múltiplos, sendo representativas da natureza humana e não da cor da pele, ainda que a grande maioria das personagens no romance represente os grupos majoritários não-brancos da África do Sul, contexto maior do romance; apenas uma das personagens significativas é branca<sup>1</sup>. Além disso, interessa também analisar a relação entre os aspectos espaciais e de composição da identidade e das atuações dos personagens, bem como de que forma essas identidades são influenciadas pelos espaços e pelos lugares por elas ocupados.

---

<sup>1</sup> De forma simbólica e intencional, o grupo de personagens da obra representa a população da África do Sul, com suas muitas etnias formando uma maioria não-branca e poucos brancos.

De acordo com o geógrafo humanista chinês Yi-Fu Tuan (2012), o termo “lugar” é costumeiramente associado a um objeto estável que chama a atenção. Esse “lugar” pode adquirir significado profundo ao longo do tempo à medida que sentimentos são atrelados a ele (TUAN, 2012). O “espaço”, por sua vez, é definido de acordo com as relações interpessoais que um indivíduo pode estabelecer. Símbolo de amplidão, é sinal comum de liberdade no mundo ocidental. No aspecto positivo, sugere futuro e um convite para a vida, enquanto no aspecto negativo, espaço e liberdade tornam-se uma ameaça, já que estar aberto e livre significa estar exposto e vulnerável. O lugar nesse sentido seria o espaço fechado e humanizado (TUAN, 2012). Na obra, temos os lugares limitados e limitantes exercendo papel crucial e tendo como pano de fundo a amplidão da África do Sul. Se considerarmos que qualquer espaço pode se tornar lugar, mas que o caminho inverso acaba por ser mais tortuoso, identificamos elementos complicadores na trama, com a presença de vilas, escolas, igrejas, prisões, florestas, entre outros. É altamente significativo também que os espaços tornados lugares são representativos da tríade maldita que oportunizou as condições e a manutenção do imperialismo e do colonialismo em solo africano, a saber: comércio, religião e educação<sup>2</sup>.

Para que um espaço se torne lugar, é muitas vezes necessário que haja desvio, que espaços antes ocupados sejam desterritorializados, e muitas vezes reterritorializados (PARANHOS, 2010), gerando familiaridade e conhecimento. Considero aqui o termo espaço não como sinônimo de território e sim com uma conotação mais ampla do que aquela que limites geográficos o podem atribuir. No plano literário isso se dá sob o controle de um narrador onisciente, e não por escolha dos personagens. E para que isso aconteça, há condições sendo observadas e contextos que guiam tais escolhas. O que temos como resultado é, muitas vezes, a escrita da contemporaneidade, no sentido proposto por Agamben (2009), e que não é apenas o sentido cronológico, mesmo sendo a escrita no presente que considera o passado. É a urgência da intempestividade (AGAMBEN, 2009) que leva à abordagem de questões que circundam o contexto de produção da obra, possivelmente não na tentativa de resolvê-las, mas de chamar a atenção de outros

---

<sup>2</sup> Para um estudo contrastivo apontando a relevância de tal aspecto na escrita e na alteridade de grandes escritores africanos, sugiro a leitura da tese: BRAGA FILHO, Jair Ramos. *Poéticas da Alteridade: Chinua Achebe. Ngũgĩ wa Thiong'o e Mia Couto*. 169 p. [Tese apresentada no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná]. Curitiba: UFPR, 2014.

observadores que podem ocorrer com soluções possíveis. Vejamos quais questões podem ser estas, seguindo agora com o romance de Futhi Ntshingila.

### **Acompanhando trajetórias**

*Sem gentileza* apresenta Nomvelo Zulu<sup>3</sup>, ou Mvelo, uma adolescente de 14 anos filha de Zola — mãe solteira de 31 anos, soropositiva que recebe ajuda ínfima do governo para sobreviver. As duas viviam em um barraco no distrito de Mkhumbane<sup>4</sup>, nos arredores de Durban, a maior cidade da África do Sul. A única expectativa positiva para ambas era sempre a segunda-feira, dia do lixo, quando, após revirar as lixeiras das casas de classe média próximas ao distrito onde viviam, teriam alguma coisa para comer.

Mvelo era filha de Sporo Hadebe, namorado de Zola nos tempos de escola e que morrera atropelado. Ambas haviam sido renegadas pela família materna e, sem muitas alternativas, decidiram morar com uma tia de Zola, Skwiza, dona de um bar. Foi nesse ambiente que Mvelo cresceu, enquanto sua mãe trabalhava naquele estabelecimento comercial para lhe dar o que comer. Foi esse espaço tornado lugar (TUAN, 2012) pelas relações interpessoais estabelecidas e reforçadas em um ambiente fechado humanizado e (surpreendentemente) seguro que Mvelo cresceu; foi ali que aprendeu a “economizar para a próxima refeição: pulando uma, caso não estivesse com muita fome”. (NTSHINGILA, 2016, p. 115)<sup>5</sup>

Quando Mvelo tinha 4 anos, aconteceu no país a primeira eleição não determinada pelas regras do *apartheid*<sup>6</sup>. Pouco depois, seus avós, pais de Zola, foram mortos, acusados de terem apoiado o partido político errado. Como o pai havia renegado Zola, e não havia parentes próximos, a igreja ficou com todos os

---

<sup>3</sup> É altamente significativo que o sobrenome da personagem principal seja, ao mesmo tempo, o sobrenome mais comum na África do Sul e a denominação de uma de suas mais importantes etnias. Neste sentido, a personagem é representativa de um grupo, de uma condição.

<sup>4</sup> Há uma explicação no romance de que Mkhumbane era “uma antiga e vibrante comunidade batizada com o nome de um riachinho que corria pelo distrito histórico” (p. 49). A presença desse riacho, seguindo seu curso até encontrar o mar, passando por (des)(re)territorializações (muitas vezes causadas pelo homem em nome do progresso) não poderia ser mais poética e significativa.

<sup>5</sup> Para facilitar a leitura, opto por inserir apenas o número da página indicativa do romance toda vez que determinada informação ou citação se referir a este. Nas demais ocasiões, informo autor e ano.

<sup>6</sup> A África do Sul conseguiu sua independência em 1910 e apenas três anos depois se inicia a segregação territorial no país que duraria, oficialmente, até 1991. Durante mais de 50 anos, de 1948 até 1991, o país estava dividido. O termo *apartheid* significa, no idioma africâner, literalmente, separação. O objetivo do *apartheid*, imposto por uma minoria branca no comando do país, era separar esse grupo da grande maioria não-branca, além de separar os não-brancos entre si para diminuir seu poder político. Seu fim oficial foi em 1994, com a primeira eleição de um governo de coalizção de maioria não-branca (<http://www.history.com/topics/apartheid>).

bens da família. Ou seja, apesar da perda emocional, não houve mudança significativa na condição de vida de mãe e filha.

Foi no bar de Skwiza que ambas, Mvelo e Zola, conheceram Siphó Mdletshe, advogado bem-sucedido e homem gentil que preferia a simplicidade de Mkhumbane aos abastados subúrbios de Durban. Siphó foi uma espécie de *babayi* (p. 50), uma figura paterna que presenteava Mvelo com biscoitos Oreó e outras guloseimas, que ficou com elas por 13 anos, mas que as trocou por outra mulher. Siphó, conquistador e mulherengo que não escondia suas escolhas, teve um relacionamento longo com Nonceba Hlathi, advogada, da etnia Xhosa, com quem podia conversar na sua língua tribal. No entanto, ele logo se envolveu com outras mulheres, e contraiu HIV. Numa tentativa frustrada de reatar com Zola, após ser rejeitado por Nonceba, Siphó passou a doença mortal para a mãe de Mvelo.

Como bem descrito no romance, Siphó amava Zola e Nonceba. No entanto, “o amor que sentia por Zola era do tipo que dava segurança a ele, o amor que a maioria dos homens deseja. Escolhem uma mulher que não os desafie para que possam ter uma vida confortável e previsível” (p. 58). Já Nonceba “foi como um relâmpago na vida de Siphó. Com Zola, ele era um homem equilibrado porque estava no comando. Com Nonceba, no entanto, caminhava em um terreno mais perigoso” (p. 59).

Nonceba havia nascido na cadeia, pois sua mãe, Zimkitha Hlathi, estava grávida e fora presa por ter beijado em público um homem branco, Johan Steyn. “Foi presa, enquadrada no Ato da Imoralidade, depois de ser pega com o filho de um conhecido pastor africâner” (p. 82). A verdade é que a mãe de Nonceba nunca amara Johan de verdade. “Seu relacionamento com ele era só uma parte de sua rebelião” (p. 82) para com as imposições e restrições do *apartheid*, no que pode ter sido os meados da década de 1970. No entanto, “ter uma filha matou os seus impulsos aventureiros” (p. 83). Mas Johan a amava, e enquanto Zimkitha esteve na cadeia, ele escreveu inúmeras cartas, nunca enviadas, pedindo perdão por ter sido fraco. Eventualmente, casou-se com Petra, a filha de outro pastor, uma mulher que não podia ter filhos.

Após dar à luz, Zimkitha foi posta em liberdade. Fora da cadeia, descobriu que seu pai havia sido morto por lutar pelos direitos da filha e por um país sem o *apartheid*. Não demorou muito e ela cometeu suicídio, deixando a pequena Nonceba aos cuidados da avó materna que a levou para viver e estudar nos Estados Unidos,

onde a jovem se tornou advogada para depois voltar à África do Sul e poder ajudar outras pessoas.

Quando Siphó relatou seu envolvimento com Nonceba, Zola e Mvelo rapidamente se mudaram da casa, que dividiam com o advogado e que aprenderam a chamar de lar — espaço tornado lugar, para um barraco próximo ao bar de Skwiza. Era outro espaço que precisava ser tornado lugar (TUAN, 2012). De uma determinada perspectiva, o território particular que fora deixado precisava ser estabelecido em outro espaço, a reterritorialização de um núcleo familiar precisava ser reconstruída.

“Zola era quieta por natureza, mas agora, em sua dor particular, o seu silêncio estava carregado de medo, raiva e decepção. Era tão profundo que não conseguia sentir” (p. 63). Aos poucos, ela “foi deixando o orgulho de lado e permitindo que Siphó a auxiliasse nas mensalidades da escola de Mvelo e com uma mesada” (p. 72). Nonceba concordou com a proposta. “Em meio a Zola, Siphó e Nonceba, Mvelo estava segura” (p. 75). Essa reconfiguração familiar, e a reterritorialização tornando um novo espaço em lugar, poderia assegurar que Mvelo tivesse a segurança necessária para crescer. Porém, em um país abalado pela exploração e pela violência que o colonialismo (com suas relações de comércio, religião e educação) havia imposto, a tranquilidade é um valor rapidamente exaurido.

A menina adorava cantar. Foi cantando que, para seu desgosto, atraiu a atenção de um pastor, Reverendo Nhlengethwa, o homem que lhe tirou a virgindade e a esperança que sua mãe tinha de um futuro melhor para a filha. Se considerarmos o que isso significa em um cenário nacional mais amplo, e a literatura como representação da realidade, Mvelo foi apenas mais uma dentre as jovens que sofreram (e ainda sofrem) abusos e violências, muitas vezes por parte de membros da própria família, outras vezes por autoridades, sem terem a quem recorrer para lhes dizer o que está acontecendo ou evitar que aconteça. O fato de ser um religioso a violentá-la só confirma no microcosmo um exemplo de violência em escala mais ampla, muitas vezes associado, ainda que não só, ao colonialismo.

A barriga de Mvelo foi crescendo, como um “elefante dentro do barraco” (p. 21) e a menina abandonou os estudos, algo que em um contexto pós-*apartheid*

poderia lhe possibilitar um futuro melhor. A mãe não resistiu e faleceu “de subnutrição e complicações da aids” (p. 21) antes da neta — Sabekile<sup>7</sup> — nascer.

No dia em que saiu do hospital, após dar à luz seu bebê, Mvelo foi até a região conhecida como Manor Gardens, onde costumava revirar o lixo para ver se encontrava comida, e deixou a bebê “na porta da frente de uma casa sem muros. Pelo menos lá ela sabia que Sabekile teria uma chance de vencer” (p. 33). Nessa casa moravam Johan Steyn e sua esposa Petra, um casal já de idade, e sem filhos, os mesmos personagens referenciados quando da apresentação de Nonceba. Mvelo não sabia que não seria tão simples assim para o casal adotar a criança, pois teriam que explicar a origem da bebê para a polícia e para a assistência social. Afinal, para determinados contextos, existem leis que são cumpridas.

Ao estabelecer a conexão entre os personagens, vemos que há poucos graus de separação entre eles, como um microcosmo que está em escala representativa de um universo maior. Além disso, pode-se verificar que a Mvelo adolescente, não preparada para ser mãe, se desvia – “conceito inicialmente definido pela negação” (ALVES, 2010, p. 130) – para retornar, na concepção de retorno proposta por Alves (2010), como a Mvelo com suporte e apoio, e que opta por acompanhar o crescimento de sua filha. É a segunda chance, não comum, que autoriza o (re)estabelecimento de relações de afeto. É a segunda chance que permite uma reconstrução.

Entendo que o retorno, atrelado ao desvio, da maneira como foi primeiramente proposto por Édouard Glissant e relido por Alcione Corrêa Alves (in BERND, 2010) se refere a contextos americanos. Porém, acredito que esse conceito vai além de fronteiras físicas a ele atribuídas num primeiro momento. Percebo, por exemplo, que Mvelo não apenas retorna para um território geográfico – Manor Gardens – com a ajuda de Nonceba – mas, a uma matriz cultural originária – uma noção de família, conceito mais didático, necessária para sua própria sobrevivência.

O desvio, de um lugar já conhecido – sua casa com sua mãe, para um espaço desafiador – um bairro rico à procura de uma nova casa para sua filha, se fez necessário em razão da violência sofrida e pode ser entendido como sua manifestação de luta; é a procura por um novo espaço a ser tornado lugar (TUAN, 2012) para sua filha. Após esse desvio, é possível empreender o retorno e a

---

<sup>7</sup> O nome Sabekile significa “Assustadora” e Mvelo o escolheu para sua filha porque ela, Mvelo, conhecera “o medo no dia em que um homem de Deus lançou-se sobre seu corpo” (p. 34).

relocalização. Sua trajetória de vida lhe conduz para espaços tornados lugares, para territórios que são abandonados e revisitados (reterritorialização). É possível voltar para determinados (espaços tornados) lugares e construir novas experiências, ou mesmo reconstruir aspectos de sua identidade por conta de deslocamentos geográficos de ida e retorno, deslocamentos esses autorizados pela passagem do tempo cronológico e por novas relações com outros indivíduos.

No entanto, o retorno só é possível dias mais tarde e após ela matar “aquele homem em sua mente” (p. 131). Ainda faltava algo. Quando Mvelo soube que o pastor Nhlengethwa estava de volta à comunidade para pregar (e vitimar), ela dirigiu-se até a Igreja, o espaço tornado lugar, o território, que é desterritorializado (física e psicologicamente, uma vez que após o estupro ela não volta mais à igreja ou ao seu passatempo de cantar); é preciso reterritorializar o lugar antes visto como espaço de acolhida e que foi onde perdeu sua inocência. Lá, Mvelo viu aquele que havia destruído seus sonhos: “Estava em frente ao seu púlpito, forte e alto, bem alimentado pelas doações de pessoas desesperadas por salvação” (p. 132). “Mal haviam se passado nove meses após despedaçar o mundo de Mvelo, e Nhlengethwa estava de volta, buscando novas vítimas.” [...] “O fervor em sua voz alcançava níveis arrebatadores, dando a Mvelo a certeza de que o leão tinha localizado sua próxima presa” (p. 132). A jovem sentiu que precisava detê-lo.

Naquele dia, Mvelo cantou como nunca havia cantado antes e caminhou lentamente até a luz que iluminava o pastor. As pessoas na igreja não sabiam o que fazer. Nem o pastor parecia saber o que fazer, mas mostrava que a havia reconhecido. Ao chegar próximo do altar, Mvelo despiu-se completamente e ficou parada na frente da congregação, cantando como nunca. “Antes que alguém pudesse fazer algo, Nhlengethwa desabou como uma tora. Seu coração sujo e atordoado não resistiu.” [...] “Ninguém chegou perto dela. Mesmo na igreja, o medo da feitiçaria era forte” (p. 133).

Após esses acontecimentos, “[d]ia após dia, Mvelo continuava a rondar a casa [em Manor Gardens], observando quem entrava e quem saía. A jovem cuidava para não ser percebida, mas não conseguia ficar longe; era uma atração muito poderosa. Ainda tinha nos braços a sensação forte e inata de ter embalado Sabekile quando estava no hospital, e queria sentir a maciez da pele da sua filha novamente” (p. 128). É bastante significativo que o espaço desconhecido e, por que não, proibido passa de lugar de nutrição para si, pois era de onde tirava alimentos

descartados para sobreviver, para espaço tornado lugar e possibilidade de nutrição e sobrevivência para sua filha. O ciclo da vida é revisitado de outra maneira. É um apelo de importância social que extrapola as fronteiras da favela para ressignificar-se quanto às possibilidades do pós-colonialismo de contribuir para reconstruir o futuro da nação (das nações) que o colonialismo arruinou.

Depois de Mvelo relatar tudo o que sofrera a Nonceba, a história se desenrola da melhor forma possível: Johan descobre que é pai biológico de Nonceba, que adota Mvelo, que permite que o casal adote Sabekile contanto que ela possa acompanhar o bebê. Neste ponto, ela está com dezesseis anos e, mesmo se sentindo muito mais velha, Mvelo volta a estudar em sua antiga escola. Mais tarde, aos vinte anos de idade, conhece um estagiário do escritório de advocacia de Nonceba e pode voltar a fazer planos para o futuro.

### **A questão linguística**

Quanto à pequena Sabekile, ela gostava muito de cantar “em sua estranha mistura de zulu, inglês, africâner e xhosa” (p. 157), mostrando sua mobilidade linguística e seu hibridismo, uma clara demonstração da necessidade de comunicação em diferentes línguas como garantia de sobrevivência do indivíduo. Pode-se também entender tal comportamento da forma como Edward Said o conceituou, quando “relaciona o conceito de mobilidade linguística ao conceito de identidade, principalmente se considerarmos a identidade como uma narrativa pessoal” (2005, p. 13). Em uma compreensão mais ampla, informada por Stuart Hall (2006), é a representação da nação sul-africana, misturada, fragmentada, transitando por diferentes espaços/lugares, por diferentes línguas, se construindo e reconstruindo, muito em resposta ao legado pós-colonial no qual a obrigatoriedade de uso de uma língua estrangeira é um dos elementos que ficou em solo africano.

A pequena Sabekile está, sem saber, pronta para novas possibilidades. E sua mãe também. Mvelo está disposta a conduzir sua vida, e ser ativa. E essa ação se dá sempre em busca de novos espaços, que se tornam lugares, uma vez que o movimento de busca, de desafio, parece ser inerente ao ser humano. Mesmo que algumas buscas levem ao retorno para o espaço inicial.

Ainda em relação ao aspecto linguístico, há no romance a presença de termos em zulu<sup>8</sup>, a língua da principal etnia da África do Sul, que são traduzidos para o inglês<sup>9</sup>, em uma evidente preocupação da autora para se fazer entender por um grupo maior de leitores, mas sem perder a ideia inicial e a poesia que instigaram sua escrita. Em termos mais amplos, aplica-se a noção de mobilidade linguística, na compreensão proposta por Valéria Brisolara de que “os autores movimentam-se por vários universos linguísticos e sua posição entre línguas possibilitou que desafiassem os limites de seu próprio meio literário” (BRISOLARA, 2010, p. 287), especialmente se concordarmos com Edward Said (2005) que a identidade é uma narrativa pessoal, e que, no caso de Futhi Ntshingila, para se reconhecer autora, ela precisa escrever na língua em que puder ser mais lida, que a autorize como tal – uma escolha que encontra exemplos em tantos outros escritores africanos, de antigas colônias europeias.

A língua escolhida para essa tarefa não foi o zulu, sua língua materna, mas inglês, mostrando uma necessidade clara (e por que não uma imposição), e não exatamente uma opção artística (BRISOLARA, 2010)<sup>10</sup>. A diferença é que Ntshingila não escreve como exilada, pois tal condição pressupõe um tipo de escrita que pode ser a materialização de uma situação geográfica, política e subjetiva. Mesmo assim, vemos que seus personagens oscilam entre questões de língua e identidade, e exemplificam questões geográficas, políticas e subjetivas bastante atuais, ainda que fortemente contextualizadas. Nessa condição, a autora pode representar com distintas palavras, de distintas línguas, muito mais riquezas<sup>11</sup>. A autora se coloca como artista contemporânea, que se vê multilíngue, em sua produção.

---

<sup>8</sup> A autora afirmou que seu próximo projeto será traduzir o romance para a língua zulu, tentando se manter o mais fiel possível ao original escrito primeiramente em inglês. Percebi em sua fala uma clara referência a pontos colocados por Édouard Glissant, especialmente no que tange a questão de haver línguas que desaparecem devido ao fato de aqueles que as usam serem “absorvidos por uma comunidade nacional mais ampla” (GLISSANT, 2005, p. 49), certamente o caso da África do Sul, com suas 11 línguas oficiais, dentre elas o inglês – língua mais falada na vida pública oficial e comercial daquele país. O zulu ocupa uma posição secundária devido a inúmeras questões e não foi a primeira escolha da autora para a sua produção, mostrando o que identifico como uma espécie de “desaparecimento”, ainda que haja no romance palavras e expressões de diferentes línguas, outra clara referência de que não é mais possível “escrever de maneira monolíngue” (p. 49) no contexto atual da literatura, e Futhi Ntshingila sabe disso.

<sup>9</sup> A obra já havia sido traduzida para o português.

<sup>10</sup> Aqui, outra clara relação entre a necessidade de escrever em inglês, para ser lida, e o que Nestor Canclini apresenta como um sistema industrial, tecnológico, financeiro e cultural de relações de poder, cuja sede não está em apenas uma nação, mas em uma densa rede de estruturas econômicas e ideológicas (1990, p. 279), e que obriga escritores a escreverem em inglês, para serem lidos.

<sup>11</sup> Numa relação com o que Glissant chama de “mundialização da literatura” (2005, p. 122).

Esse contexto multilíngue é trabalhado pela autora numa representação da conjuntura atual na África do Sul, país que sofreu com anos de colonialismo e *apartheid*, o que fez com que produções artísticas da maioria não-branca não tivessem a divulgação necessária para se tornarem conhecidas e auxiliarem na construção da fortuna artística daquele país<sup>12</sup>. Os personagens em *Sem gentileza* (2016), seus anseios e suas ações estão inseridos em um contexto mais amplo onde há claras referências a problemas sociais, econômicos e políticos que não se restringem a um período específico pré-colonial, colonial ou pós-colonial, mas que ultrapassam essa barreira temporal, e porque não também geográfica, e que podem ser encontrados em outras partes do mundo. São representações de desvio (ALVES, 2010), pressupondo um retorno; de deslocamento (GONZÁLEZ, 2010), principalmente físico; de mobilidade linguística (BRISOLARA, 2010) para possibilitar entendimentos; e de (des)(re)territorializações (PARANHOS, 2010), pressupondo movimento no espaço no sentido de torná-lo lugar (TUAN, 2012), com isso possibilitando a construção da identidade do indivíduo, mesmo que essa seja fragmentada e esteja em constante (re)construção. É um eterno adaptar-se, ainda que deveras limitado pelos cerceamentos de toda ordem impostos pelo pós-colonialismo, cerceamentos que interferem não apenas na maneira como os indivíduos vivem suas vidas, mas também na língua que precisam usar para contar a respeito delas.

Questões como o conflito entre crenças milenares e religiões centenárias, como o abandono escolar, a gravidez na adolescência, a violência urbana, os conflitos de classe e raça, a desigualdade social, entre tantos outros também são abordadas e contribuem para a tessitura do romance. São exemplos da tríade maldita que possibilitou o estabelecimento do imperialismo e do colonialismo em solo africano – comércio, religião e educação – ainda vistos como parte do cenário, uma espécie de segurança e possível caminho de fuga da devastação resultante e que ficou como herança no contexto pós-colonial. São exemplos de conflitos inseridos em uma contemporaneidade que não se contenta mais com definições

---

<sup>12</sup> Esse aspecto é mais amplamente discutido na obra: VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002; principalmente em seu capítulo 8, “Globalização”.

binárias para a construção da identidade do indivíduo, e que, aos poucos, dá lugar à multiplicidade<sup>13</sup>.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honeskos. Chapecó: Argos, 2009.
- ALVES, Alcione C. Desvio/Détour. In BERND, Zilá. (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 129-146.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. (Eds.). *The Post-colonial Studies Reader*. London, New York: Routledge, 2003.
- BRAGA FILHO, Jair Ramos. *Poéticas da Alteridade: Chinua Achebe. Ngũgĩ wa Thiong'o e Mia Couto*. 169 p. [Tese apresentada no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná]. Curitiba: UFPR, 2014.
- BRISOLARA, Valéria. Mobilidade linguística. In BERND, Zilá. (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 285-300.
- CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Miguel Hidalgo: Editorial Grijalbo, 1990.
- FANON, Frantz. *Black skin, white masks*. London: Pluto Press, 2008.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- GONZÁLEZ, Elena P. Deslocamento/desplacamento. In BERND, Zilá. (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 109-128.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HISTORY.COM.STAFF. *Apartheid*. <http://www.history.com/topics/apartheid>. 2010. Data de acesso: 22/12/2016.

---

<sup>13</sup> Ainda em relação à autora, cabe informar que ela nasceu em Pietermaritzburg, em 1974, e que vive em Pretória, trabalhando no escritório da presidência do seu país. Jornalista por formação, mestra em Resolução de Conflitos, tem dois romances publicados, ambos dedicados à preservação da memória de mulheres cujas trajetórias foram historicamente ignoradas. Futhi Ntshingila esteve no Brasil em novembro de 2016 para divulgar a tradução para o português de *Do not go gentle (Sem gentileza)* (2014), e participou, no dia 21/11/2016, de uma mesa-redonda na UFPR, da qual também fez parte auxiliando na tradução de suas respostas às questões colocadas pela plateia presente em relação a sua vida e aos principais assuntos abordados em sua obra.

NTSHINGILA, Futhi. *Sem gentileza*. Trad. Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

PARANHOS, Ana L. S. Des(re)territorialização. In BERND, Zilá. (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010, p. 147-166.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar. A Perspectiva da Experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 2012.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução. Por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda; Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

*Recebido em: 27/01/2021*  
*Aprovado em: 24/03/2021*